

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA-UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOSEFA FERREIRA DE LACERDA

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

JOÃO PESSOA-PB
2015

JOSEFA FERREIRA DE LACERDA

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso-
Monografia, apresentado ao Curso de
Pedagogia da UFPB, como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Maria Claurênia A. de Andrade
Silveira.

JOÃO PESSOA-PB
2015

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

JOSEFA FERREIRA DE LACERDA

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Esp. Rozil da Silva Gomes
(Examinador)**

**Prof.^a Ms. Santuza da Fonseca
(Examinadora)**

**Prof.^a Dra. Maria Claurênia A. de Andrade Silveira. (UFPB)
(Orientadora)**

DEDICO

À minha Mãe, a pessoa que me deu à luz duas vezes e a quem agradeço a cada dia que passa por existir em minha vida;

Ao meu esposo, que chegou em minha vida para me dar ânimo e me fazer acreditar que no fim tudo dá certo.

AGRADECIMENTOS

Sou infinitamente grata a **Deus** por ter permitido essa experiência única e maravilhosa de estudar na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, onde os valores e vivências são por demais ricos, e por Ele ter me ajudado a percorrer todas as etapas do percurso acadêmico, principalmente esta última etapa do curso.

A minha mãe **Francisca Ferreira de Lacerda**, pelo cuidado, carinho e pelo precioso estímulo ao me incentivar o tempo todo, agradeço pelo apoio que me deu em meios a minhas dificuldades, onde muitas vezes busquei forças no seu exemplo.

Ao meu pai **Sebastião Barbosa de Lacerda** (in memoriam) embora fisicamente ausente, sentia sempre sua presença ao meu lado, dando-me força assim como sempre fez durante o tempo em que estivemos juntos. Um pai sempre presente que quando teve que partir deixou saudades.

Ao meu Esposo **Paulo Franco** e todas as minhas irmãs pela torcida rumo a minha vitória, pela força que me deram para superar todos os obstáculos e motivação para afugentar o desânimo, para assim continuar na trilha que me faria alcançar esse objetivo.

Aos meus amigos em especial **Rozil Gomes**, que foi uma pessoa que se tornou um verdadeiro amigo.

Sou eternamente grata à minha querida **Prof.^a Dra. Maria Claurênia Silveira**, pela competência e generosidade para comigo e também por permitir participar de um lindo projeto. Foi uma verdadeira honra tê-la como orientadora. Muito obrigada.

A todo corpo docente do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, especialmente as **Prof.^{as}Dr.^{as} Ereniza Pereira e Windyz Ferreira e a Ms. Santuza da Fonseca**, não estaria aqui sem a competência e dedicação de cada uma de vocês.

Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê.
(Monteiro Lobato)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância da contação de história na educação infantil, além de apresentar técnicas de como o educador pode trabalhar com esse fazer poético, utilizando a literatura infantil, nos dias atuais. Desenvolvendo o nosso estudo, destacamos a escolha dos livros para a contação de histórias e formas de ler as histórias para as crianças. Vimos que a contação de história faz com que a criança desenvolva o seu potencial de aprendizagem, estimulando nela o seu fator cognitivo através do incentivo à leitura. Este trabalho, apoia-se em obras de diversos autores, como Coelho (2000), Abramovich (2005), Costa (2008), Füller (2009). Também se apresenta experiências da autora do trabalho, no projeto “Contar e recontar: caminhos de leitura”, desenvolvido em Escola de Educação Básica, através do PROLICEN/UFPB.

Palavras – chave: Educação Infantil. Contação de História. Literatura Infantil.

ABSTRACT

This work aims to discuss the importance of story-telling in early childhood education, and present techniques of how the teacher can work with that make poetic, using children's literature nowadays. Developing our study, we highlight the choice of books for storytelling and how to read stories to children. We have seen that the storytelling causes the children to develop their learning potential, stimulating it their cognitive factor by encouraging reading. This work is supported by works of many authors, such as Rabbit (2000), Abramovich (2005), Costa (2008), Fuller (2009). Also presents experiences of the author of the work, the project "Telling and retelling: reading paths", developed in the School of Basic Education, through PROLICEN / UFPB.

Key - words: First school. History telling.Children's Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. EDUCAÇÃO INFANTIL E LITERATURA.....	12
1.1 Literatura Infantil: Possíveis Conceitos	13
1.2. A Literatura Infantil em um Contexto Histórico.....	16
2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	20
2.1 Que História Contar Para a Criança?	21
2.2. Quais as Habilidades Que o Educador Deve ter ao Contar Histórias?	24
3. ABORDAGEM PRÁTICA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....	25
3.1 Público Alvo Desenvolvido no Projeto.	25
3.2 Atividades Desenvolvidas	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias tem se desenvolvido desde os primórdios das relações humanas. A forma como gerações passaram seus conhecimentos para outras mais nova foi por meio da contação de histórias, conhecimentos esses valiosíssimos que, de fato, formavam verdadeiros cidadãos. E quem de nós da sociedade moderna não nos lembramos das histórias contadas pelos nossos avós, tios, avós e familiares mais velhos? Histórias que nos enchiam de emoção e aprendizagem.

Não são poucos os estudiosos que têm se dedicado aos estudos da verdadeira importância da contação de histórias na educação infantil, e nós mesmos temos experiências próprias do valor que essas histórias tiveram e tem no que diz respeito a nossa formação e desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal.

Dentre esses diversos estudiosos sobre a contação de histórias na educação infantil, temos Bettelheim (2009), aonde vem nos dizer que as histórias representam de forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano. O conto não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança senão fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte.

Ao contar uma história para uma criança, estamos desenvolvendo a sua capacidade cognitiva, estimulamos sua imaginação e emoções, além de estarmos incentivando à leitura, ou seja, estamos desenvolvendo verdadeiros leitores, capazes de criar, inovar e apresentar novas ideias.

Esse trabalho de conclusão de curso se propôs trazer a importância da contação de histórias na educação infantil. O meu desejo de trabalhar esta temática surgiu a partir de uma experiência realizada no projeto PROLICEN (Programa de Licenciatura): CONTO E REECONTO-NO CAMINHO DA LEITURA. Trata-se de um projeto sobre a literatura infantil, que foi realizado na Escola De Educação Básica-UFPB.

Foi nesse projeto onde percebemos que de fato a contação de história é uma arte, arte esta que deve ser reconhecida como prática oral de um patrimônio cultural capaz de proporcionar prazer e lazer e que por meio deste processo as crianças aprendem a falar melhor, usam a imaginação e se desenvolvem muito mais.

Para uma melhor compreensão da temática abordada, faremos uso de diversos autores que pesquisaram e escreveram sobre a contação de história, tais

como: Bettelheim (2009); Nelly Novaes Coelho (2000); Betty Coelho (1995), entre outros.

Nosso trabalho terá a seguinte estrutura: No primeiro capítulo, aborda-se sobre a educação infantil e Literatura; o segundo capítulo traz uma abordagem sobre contação de história na educação infantil, relacionando a contação de história com o educador e educando no processo de aprendizagem. No terceiro e último capítulo, abordo minha experiência no projeto Na Escola de Educação Básica da UFPB.

Ao final dessa pesquisa, queremos contribuir com o processo de desenvolvimento cognitivo, social e emocional, por meio da análise do processo de contação de histórias e da Literatura na educação infantil desenvolvendo a imaginação e o gosto pelas obras literárias.

Diante de toda exposição teórica e também minha prática com a contação de história na educação infantil, nosso objetivo central dessa pesquisa foi a de detectar **qual a importância da contação da história na educação infantil?**

1. EDUCAÇÃO INFANTIL E LITERATURA

A educação escolar deve começar bem antes dos 6 anos de idade, que é quando a nossa legislação torna obrigatória a frequência da criança na escola. A Educação Infantil é uma fase essencial da aprendizagem. Já nessa fase a criança deve ser estimulada a interagir com outras crianças, com materiais diversos, com adultos além das pessoas da sua família, para que possa agir na direção da construção do conhecimento.

As creches ou escolas de Educação Infantil não devem ser simplesmente “depósitos de crianças”. Devem sim promover ações que viabilizem as crianças vivências ricas em desafios que a motivem a interagir com o meio, criando oportunidades de descoberta das suas capacidades de desenvolver competências na direção do conhecimento. A escola é o lugar onde acontece a orientação para que se realize a construção de conhecimentos e as escolas de Educação Infantil não devem fugir desse papel. O professor de Educação Infantil deve conhecer as fases de desenvolvimento da faixa etária com a qual trabalha para poder estimular ao máximo seus alunos para que construam seu conhecimento.

Jean Piaget(2008), afirma que desde o nascimento até o 18º mês de vida, a criança busca adquirir controle motor e aprender sobre os objetos físicos que a rodeiam. Esse estágio se chama sensório-motor, pois o bebê adquire o conhecimento por meio de suas próprias ações que são controladas por informações sensoriais imediatas.

Piaget (2007) ainda vem nos dizer que, quando lemos histórias para crianças de 1 ano, por exemplo, no que concerne à aquisição da aptidão para a linguagem, já estamos incentivando o seu processo de letramento. No estágio pré-operatório, que dura do 18º mês aos 8 anos de vida, a criança busca adquirir a habilidade verbal. No início desse estágio, ela já consegue nomear objetos e raciocinar intuitivamente. Essa capacidade linguística vai se desenvolvendo, no decorrer desses anos de vida, garantindo que a criança, também possa ler e escrever bem, a partir da orientação para essa conquista.

Especificamente em relação à linguagem escrita, podemos pensar, portanto, que a criança, mesmo antes de ler e escrever as primeiras letras, já participa ativamente dos processos envolvidos nessa aquisição. Ela percebe, analisa, formula suas hipóteses sobre a leitura e a escrita a que está exposta em seu cotidiano.

Seria, então, até inadequado imaginar que uma criança em idade pré-escolar não tenha competência e condições de apreender as diversas características da comunicação.

1.1 LITERATURA INFANTIL: POSSÍVEIS CONCEITOS

No nosso dia a dia, convivemos com as várias formas de se relacionar com a leitura, motivadas por vários fatores: para nos informar, entreter, por necessidade, por obrigação e para passar o tempo. A leitura é primordial para formação do sujeito no que concerne à intelectualidade, para construção de conhecimento e para desenvolvimento cognitivo, ético e estético desse sujeito. Neste trabalho tentamos abordar as crianças na escola, na faixa etária da Educação Infantil. Como o nosso foco é a contação de histórias, a leitura de narrativas para criança na primeira infância, partindo desse princípio, incluímos a literatura infantil como um fator preponderante na formação das crianças desde sua tenra infância.

Paiva e Oliveira (2010) vêm nos dizer que literatura infantil pode ser concebida como um conjunto de publicações, direcionadas principalmente ao público infantil, com uma linguagem peculiar a este público e que em seu conteúdo tenham formas recreativas, didáticas, ilustradas ou não. Mas antes de tudo literatura é arte, combinação de palavras, que rompe com o senso comum. Atua na tradição oral, transmitindo a expressão da cultura do povo de geração em geração. “Como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psique infantil” (PAIVA E OLIVEIRA,2010).

Coelho (2000, p.27) diz que:

Literatura infantil, é antes de tudo literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade, Que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra funde os sonhos e a vida prática o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

Concordamos com o autor acima quando afirma que, Literatura é arte, mas no contexto infantil deve haver uma adaptação afeição das crianças com a finalidade de proporcionar-lhes o conhecimento de tais obras e, sem dúvidas, alargando e aguçando os horizontes culturais e enriquecendo o processo de aprendizagem. Isso

porque a criança não tem uma completude com relação ao cognitivo, ela é vista como um ser em formação, seu potencial cognitivo, emocional, artístico, entre outros aspectos, está em construção, daí deve-se desenvolver a liberdade de criar, de recriar, de reconhecer-se no que realiza e a literatura infantil se responsabiliza por contribuir com a formação das crianças até alcançar uma total plenitude em sua realização.

Oliveira (2011) reforça uma coisa importante acerca dessa temática, afirmando que a palavra literatura é intransitiva e independe do objetivo de que se investe a sua abordagem, pode-se reafirmar que é arte e deleite. Todavia o termo 'infantil' associado à classificação da literatura não significa que ela tenha sido escrita exclusivamente para criança. A literatura infantil pode corresponder ao gosto artístico de qualquer leitor que tenha por ela apreço. Para essa autora, a literatura infantil não deve ter intenção pedagógica, pois se assim for, perde suas características de literatura infantil e passa a ser uma literatura moralizante para a criança.

Também somos contra a literatura infantil como tarefa obrigatória, pautada na intenção de ensinar, deixando de lado a 'graça' do texto, o sentimento que ele exprime, a beleza das ilustrações em consonância com o escrito, a 'viagem' na imaginação que o autor preparou. Esse gênero deve ser oferecido às crianças pelo prazer de ler, para formação de seu pensamento. A interferência do adulto, do professor deve ser dirigida à motivação para que as crianças se aproximem dos livros, favorecendo a oferta de variados títulos de boa qualidade para que a criança os leia. A presença do adulto nas atividades de leitura da criança deve ser de um mediador, aproximando a criança do texto literário. Sabemos que a literatura, o imaginário, deve-se dar liberdade à criança para suas leituras, para ter acesso ao livro, interagir com ele e com aqueles que leram o mesmo texto que ela.

A literatura infantil é na vida das crianças uma descoberta para um novo mundo, em que os sonhos e realidades se misturam, as fantasias também estão interligadas, fazendo com que ela estimule seus pensamentos ativados em um mundo mágico modificando seus pressupostos. Como a literatura infantil é dirigida às crianças, sua estrutura apresenta um conteúdo perto da evolução, do maravilhoso da criança. Os textos são recheados de encantamento com uma linguagem própria relativamente com poucos volumes e capítulos.

Segundo Paço (2009) no caminho percorrido, à procura de uma literatura adequada para infância e juventude pode-se observar duas tendências próximas daquelas que já influenciavam a literatura das crianças: dos clássicos fizeram-se adaptações e do folclore nasceu os contos de fadas, até então quase nunca voltados especialmente para criança.

A literatura infantil tem sido nos dias atuais uma temática que vem sendo abordada por vários especialistas, muitos veem essa ferramenta de forma ainda a ser ajustada, porém para outros é o objeto de formação de um agente transformador da sociedade, e há até aqueles que questionam pelo simples fato de existir uma literatura dirigida para o público infantil. Eis aí o conflito, mas acreditamos que há uma diferença do pensamento adulto para criança, e por isso, deve-se ter um acervo literário feito para elas. Mesmo assim, há vários escritores de literatura para um público infantil que dá sua opinião sobre o que é esse texto literário. Nelly Novaes Coelho, escritora e pesquisadora deste assunto diz que

Literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: o de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (COELHO, 2000, p.17).

Compreendemos que literatura infantil é toda a escrita literária que tem a função de provocar emoção, prazer, entretenimento aguçando o imaginário com uma identificação destinada a infância. Acreditamos que esses escritos são essenciais para estimular o exercício da mente da criança.

Já foi dito neste trabalho que o conceito de literatura infantil é bastante discutido tendo em vista que há discordância por parte de alguns pesquisadores e Gregorin Filho (2009, p.15) faz um questionamento pertinente sobre esse gênero textual, que no seu dizer a literatura infantil tem um conceito relativo e vai depender do público que a utiliza, vejamos:

O que se percebe, é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com os personagens tempo, espaço, entre outros elementos textuais; percebe-se também que os termos não diferem dos termos presentes em outros tipos (GREGORIN FILHO, 2009, p.15).

Ainda sobre Gregorin Filho (2009), ele nos diz que, tipos de textos que circula na sociedade, como a literatura para adultos e texto jornalístico por exemplo. Isso também parece bastante claro, pois os valores discutidos na literatura pra crianças são valores humanos construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas. Numa análise mais profunda dos recursos utilizados para construção dessa estrutura mais superficial e concreta, isto é do texto propriamente dito, verifica-se vários elementos escolhidos pelos narradores afim de serem estipulados contratos de enunciados/enunciatários com a finalidade do texto parecer infantil e assim acreditar-se na existência da literatura infantil com gênero.

Na verdade a literatura infantil trabalha os valores humanos, e isso é importante, mas segundo o autor acima citado a literatura infantil não está bem definida na sua construção, dependendo de quem a apreende, além dos elementos que caracterizam a vida e a vivência das crianças. Discordo do autor nesse ponto. Primeiro porque o cognitivo das crianças não é igual, vai depender do contexto em que se insere, segundo porque as crianças não estão preparadas para qualquer tipo de leitura literário, devido sua imaturidade e, por fim, há vários textos literários direcionados especialmente para criança, desde sua estrutura que está escrito numa linguagem simples próximo do seu contexto social.

1.2. A LITERATURA INFANTIL NUM CONTEXTO HISTÓRICO

A literatura infantil teve sua gênese no século XVIII, daí por diante era possível perceber, nos textos literários elementos como adivinhações, rimas infantis e certo jogo de palavras que fariam parte do que depois viria ser literatura infantil. A burguesia e a organização do sistema organizacional da educação deu ênfase a se elaborar uma nova literatura voltada para o público infantil, mais de forma didática e moralizante. Era possível ver nos livros elementos de características infantis, embora timidamente.

Costa (2008), parte do princípio dizendo que a literatura infantil é o próprio homem que, a o sentir necessidade de transmitir ideias e acontecimentos buscou na ficção maneiras de transmitir a herança cultural acumulada pela humanidade ao longo do tempo. Há, portanto, um forte elo entre a literatura e a oralidade.

Essa literatura com fins didático e moralizante, porque antes que os estudiosos estabelecessem o que era infância, as crianças eram vistas como um adulto em miniatura, ou seja, um projeto de adulto e por isso deveriam ser educadas conforme as finalidades traçadas para uma pessoa adulta, sem se preocupar com suas capacidades intelectuais e absorção. Segundo Costa (op. cit. p.65). Da idade Média e do Renascimento (século XV a XVIII aproximadamente) datam os primeiros livros considerados literatura infantil, são os catecismos, criados pelos padres Jesuítas para pregar o cristianismo às crianças. Assim surgiam os escritos destinados as crianças, espontâneo, com o objetivo único de facilitar o ensino intuitivo a necessidade da infância.

Bevilaqua e Lawrenz (2005) pondera que a literatura infantil teve origem nos séculos XVII e XVIII vinculado as mudanças estruturais em que se instalaram o modelo burguês na sociedade e a literatura passa a ser um instrumento de propagação de valores dessa classe social que ora surgia. Por isso os contos traziam conteúdos didáticos e neste contexto se insere a literatura infantil. Sua emergência deve-se antes de tudo a sua ascensão com a Pedagogia, já que as Histórias eram elaboradas para se converterem em instrumentos dela.

Oliveira (2011) diz que na densidade da História da literatura infantil, há pesquisadores que dizem que este tema em estudo como hoje conhecida como clássico encontra-se na nova estética popular medieval que tem suas origens na Índia. Descobriu-se que desde essa época a palavra impôs-se ao homem como algo mágico, como um poder misterioso que tanto poderia proteger, como ameaçar, construir ou destruir. Seu caráter é mágico fantasioso e narrativo conhecido hoje como literatura primordial. Foi através destas que se descobriu o mundo fabuloso das narrativas orientais, que se forjaram durante séculos a.C, e se propaga por todo mundo através da oralidade.

Costa (2008, p. 65) diz:

A mais antiga coletânea vem do oriente e intitula-se Calila e Dimna. São 14 livros, provavelmente escritos por um fabulista indiano Bidpai ou Pilpay. Mais tarde, foi sendo traduzida para o persa, e para uma versão árabe, até ser traduzida para o castelhano no século XIII, exercendo fortíssima influência sobre narrativas ocidentais.

Pondera a autora que dessa tradução vem as fábulas de Esopo, cujos textos atravessaram séculos e mantêm vivos até os dias atuais, com animais

personalizados como objetivos de explicar uma moral. Acreditamos que Costa e Oliveira bebem da mesma fonte, esses autores retomam um tempo muito remoto para a origem da literatura infantil quando ambos falam que tudo teve origem no Oriente, mais propriamente na Índia e que daí serviu de referência para o que temos hoje.

Segundo Fuller (2009), muitos pesquisadores dizem que tudo começou a partir do século XVII, mas há registros muito mais antigos de uma literatura com um jogo de palavras com características infantis. Acreditamos que a oralidade contribuiu para o seu surgimento, mas foi a escrita que estruturou de uma forma e vida mais abundante. A partir do final do século XVII e início do século XVIII, aí sim começa a ser divulgada e valorizada.

Nesse contexto a literatura infantil constitui-se como um gênero textual, pois dos motivos já comentados aqui, que foi a ascensão da família burguesa e a reorganização da sociedade e da escola, e com o novo status que a criança foi concedida à infância. Se até aquele momento as crianças eram um pequeno projeto de adulto, agora com a organização sistemática ela é vista não como um ser imperfeito, mas como um ser em construção, daí era necessário que se escrevesse com características próprias direcionadas a elas.

Fuller (2009) diz que quando surgiu a literatura infantil, e também a escola, a ideologia que ambas possuíam era controlar o desenvolvimento intelectual da criança, manipulando suas ideias e sentimentos. Esse pensamento baseava-se na concepção de infância que estava sendo discutido e entrando em voga no final do século XVII e daí sim o século XVIII é onde aparecem os primeiros livros para a criança. Mesmo assim, era uma literatura diferente da que temos hoje, pois seu conteúdo era religioso e moralizador. Segundo Resende (2008), diz que foi no século XVIII que os primeiros sinais da literatura infantil deram seu sinal com estrutura própria, separando da literatura, ou seja, um novo gênero tomava força, já que surgiu a tanto tempo.

As narrativas, os conteúdos da literatura infantil com o passar das épocas iam se adequando ao modelo de sociedade que se formava, senão vejamos no período medieval as crianças das classes altas liam autores consagrados pela tradição, liam e ouviam as histórias de cavalarias, as narrativas picarescas as histórias de heróis, lendas e folclore. Depois surgiram os primeiros livros considerados literatura infantil escrito por religiosos com fins à educação religiosa até o renascimento. Em 1600 surgiu O Conto dos Contos ou Pentamerom escrito pelo italiano Giambattista Basile com histórias baseadas em conto de fadas (RESENDE, 2008, p. 15-17).

Segundo Costa (2008), Esopo, Fedro e La Fontaine são autores que dão uma nova roupagem no texto literário que mais tarde seria considerado 'infantil'. Em 1697 aparece Charles Perrault, francês que resgata a tradição oral e publica um repertório que visava criticar os tipos de sociedades da época. O livro que publicou com os mais tarde denominados 'contos de fadas' foram endereçados a Luís XIV, jovem rei da França. Entre esses contos, foram publicados: A bela adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Pequeno polegar, Pele de asno e outros. Não fugindo à regra, todos apresentam cunho pedagógico e moralizante.

Ainda Costa (2008) afirma que Fenelon também contribuiu para história da literatura, com uma literatura mais didática. A sua obra Aventuras de Telêmaco é dedicada exclusivamente ao duque de Borgonha, neto de Luiz XIV e apresenta caracteres moralista e instrutivos, sendo quase como uma cartilha de educação infantil.

Embora de forma tímida, os séculos XVIII e XIX foram essenciais para a literatura infantil se formar no cenário mundial. Muitos foram os autores e obras que surgiram e serviram de referências para outros escritos e escritores. Robinson Crusoé (1719), de Daniel Defoe e as Viagens de Gulliver (1726), de Jonathan Swift. Já no século XIX aparecem os contos famosos dos irmãos Grimm, histórias para crianças e famílias. A partir das pesquisas de Jacob e Wilhelm Grimm, foram reescritas literariamente várias narrativas com influências nórdicas e mitológicas como: Branca de Neve os sete anões, João e Maria, os Músicos de Bremen, cujo objetivo era, além de fortalecer o sentimento patriótico dos alemães, moralizar. Os contos eram adaptados às mudanças que ocorriam no mundo inteiro, mas o objetivo principal era alcançar as crianças (COSTA, 2008, p. 23).

Por fim, Costa (2008), diz que, mais tarde, por volta de 1835 e 1872 surgiram os contos de Hans Christian Andersen, em que seres inanimados são personificados e dotados de sentimentos. São eles: O Patinho Feio e o Soldadinho de Chumbo. Lewis Carroll que escreveu os clássicos Alice no país das maravilhas e Alice no país

dos espelhos, mas contestado pela crítica como fora dos padrões para época, já que fora escrito em 1865 e 1872 respectivamente. Assim também As aventuras de Pinóquio, do italiano Carlo Lorenzini, certamente se enquadrava neste contexto.

2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A contação de histórias é uma prática antiquíssima de várias culturas, desde muito cedo ela estivera presente na sociedade com o intuito de repassar crenças e costumes, ou seja, repassar conhecimentos adquiridos ao longo das gerações antigas. Coelho vem corroborar conosco neste sentido, como nos mostra a citação abaixo.

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem—se ficarem quietos, conto uma história, se isso, “se aquilo...”- quando o inverso que funciona. A história aquieta serena, prende a atenção, informa, socializa, educa (COELHO, 1995, p.12).

Nos dias atuais, vários são os educadores que tem abordado esta temática e puderam e podem verificar que a contação de história é um instrumento chave para o desenvolvimento da aprendizagem no ensino infantil. Bem sabemos que a contação de história não se limita apenas ao âmbito familiar, mas também no ambiente educacional, sobretudo. Quando a criança ouve determinada história, ela é estimulada dependendo da história, e sente alegria, medo, sensação de felicidade, desejo, expectativas de novos sonhos e etc.

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida (BETTELHEIM, 2009, p.13).

Ainda segundo Bettelheim (2009), quando as crianças ouvem histórias, elas abrem sua imaginação, o que as leva a um processo sadio de desenvolvimento, sobretudo, pelo fato de os contos serem antes de tudo uma grande obra de arte.

Além de mexer com o psicológico e as emoções da criança, a contação de história pode ser considerada também uma atividade lúdica e prazerosa para a criança.

Digamos que o conto poderia ser para a criança um objeto transicional que lhe permitisse passar do mundo da onipotência imaginária àquele da experiência cultural, e em que o prazer e o desejo pudessem encontrar sua fonte de renovação. (GILLIG. 1999, p.19).

As histórias também proporcionam na criança o desejo pela leitura, o desejo de criar, de entrar no mundo da imaginação, e tudo isso lhe traz um grande benefício no que diz respeito à aprendizagem e desenvolvimento.

2.1 Que História Contar Para a Criança?

Conforme nos apresentou alguns autores acima sobre a importância da contação de história, e percebendo que de fato ela é uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento da criança, precisamos abordar esse novo ponto “Que História Contar Para a Criança”.

Ler histórias para crianças (...), poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (...). É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos (...), através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo), e assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (ABRAMOVICH, 2005, p.17).

Sabemos que pessoas no geral são diferentes, cada criança em cada faixa etária possui um grau de aprendizagem e assimilação de conhecimentos de diferentes formas, nesse sentido sabemos que é necessário que o professor faça uma boa escolha, que siga um roteiro, para que, de fato, a contação de história desempenhe o sucesso almejado.

Coelho (1995) vem nos afirmar que naturalmente é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas.

Sabemos que conforme nos falou a autora acima, fazer esta seleção é necessário, porém também sabemos que não é uma tarefa fácil, por parte dos educadores. Esta escolha exige tempo e também um bom conhecimento dos seus alunos. Não basta escolher a história por escolher, é preciso que o educador antes de ler determinada história para a criança, analise, leia para si mesmo, compreenda, viva as emoções, enfim, é preciso que o educador goste do que esteja fazendo.

A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos. Se história não nos desperta sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso. Primeiro, é preciso gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte (COELHO, 1995, p. 14).

A autora deixa bem claro na sua citação, que o educador deve de fato fazer uma boa escolha da história, no momento de contá-la para a criança.

Segundo ainda Abramovich (2005), é preciso que a pessoa que lê a história saiba de fato contar a história.

(...) para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... e aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome de um determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito que o autor construiu suas frases e dando as pausas nos lugares errados, (...) por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, Lá do fundinho, e que por isso, chega ao ouvinte (ABRAMOVICH, 2005, p. 18).

Existem diversos indicadores que auxiliam o educador na seleção da história adequada. Existem publicações adequadas para cada faixa etária, e também as editoras geralmente costumam fornecer catálogos com todas as indicações.

COELHO (1995), nos aponta a faixa etária e interesses. Vejamos o quadro abaixo.

QUADRO I: Faixa etária e interesses.

Pré-escolares	Até 3 anos: fase pré-mágica	✓ Histórias de bichinhos, Brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados)
	3 a 6 anos: fase mágica.	Histórias de crianças, Histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, a formiguinha e a neve, etc.) Histórias de fadas.
Escolares	7 anos	Histórias de crianças, Animais e encantamento; Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade; Historias de fadas.
	8 anos	Histórias de fadas com enredo mais elaborado; Histórias humorísticas.
	9 anos	Histórias de fadas; Histórias vinculadas à realidade;
	10 anos em diante	Aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções; Fábulas, mitos e lendas.

Fonte: Contar Histórias: Uma arte sem idade (ABRAMOVICH, 1995).

Segundo a autora (Coelho, 1995):

✓ Na **fase pré-mágica**, as histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue “viver” os enredos e sentir-se no “lugar” em que os episódios narrados ocorrem. Até

os três anos, quando as crianças se encontram na fase pré-mágica, as histórias devem conter, de preferência, muito ritmo e repetição.

✓ Já na **fase mágica**, os pequenos solicitam várias vezes a mesma história e a escutam sempre com encanto e interesse. É a fase do “conte de novo”, “conte outra vez”. Por que a mesma história? Da primeira vez tudo é novidade; nas seguintes, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. Igual reação pode acontecer com o adulto ao ler um bom livro ou ao assistir a um filme que lhe agrade. Relê. Revê. O prazer se renova.

Assim, portanto, deve o professor buscar a melhor forma ou maneira de escolher a história correta, e criar estratégias para apresentar aos seus alunos da melhor maneira possível, utilizando sons, teatros, enfim, criatividade.

2.2. Quais as Habilidades Que o Educador Deve ter ao Contar Histórias?

Como vimos no item acima, o educador tem uma grande missão em fazer de fato uma boa seleção de histórias para contar para seus educandos. Em primeiro lugar é necessário que o educador seja um leitor assíduo, goste de ler, goste de histórias, ame o que faz.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1989, p.18).

Para garantir uma boa narração, é preciso que o educador tenha criatividade, boa dicção, sinta e viva aquilo que se está lendo, etc. ele tem a missão de abrir os caminhos para a emoção e aprendizagem das crianças. Dependendo da faixa etária da criança, as histórias devem ter uma linguagem simples e compreensível.

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no

finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e até exige... E é bom saber dizer que a história acabou de um jeito especial: Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra..." Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador... (ABRAMOVICH, 1989, p.21-22).

É necessário conhecer para quem irá ler a história, para de fato garantir que aquela história interessa ao público.

3. ABORDAGEM PRÁTICA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Este terceiro capítulo enfoca as atividades de pesquisa em atuação pedagógica desenvolvidas durante a realização do projeto "Contar, recontar – caminhos de leitura", proposto pela professora Dr^a. Maria Claurenia Abreu Silveira, realizado na Escola de Educação Básica-UFPB, vinculado ao Programa (PROLICEN/UFPB).

A implantação do Projeto PROLICEN 2013/2014, oportuniza aos educandos/as do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, um contato maior com diferentes realidades vividas por cada criança assistida pela instituição.

Segundo documento produzido no âmbito da UFPB, o "PROLICEN tem como objetivo desenvolver ações de melhoria da qualidade dos cursos de Licenciatura da UFPB e propiciar uma efetiva articulação dos cursos de Licenciatura com a Educação Básica, favorecendo a integração e a parceria da UFPB com a Rede Pública de Ensino. Pretende atender aos princípios e ações que favoreçam a qualidade dos cursos, a garantia do ingresso, da permanência e da conclusão dos cursos pelos alunos das diversas licenciaturas. Promove a interdisciplinaridade entre áreas de conhecimentos como também define atividades de intervenção nas áreas contempladas por cada projeto objetivando favorecer a formação do licenciado e a melhoria da qualidade da Educação Básica." (<http://www.cchla.ufpb.br>).

3.1 Público Alvo Participante no Projeto.

Foi desenvolvido um trabalho com as séries iniciais, ou seja, este projeto foi direcionado para trabalhar com crianças de 3 a 5 anos do maternal I ao pré II.

3.2 Atividades Desenvolvidas

Ao conhecer a turma que iria trabalhar com contação de história, a primeira atividade que fiz foi me apresentar. Em seguida fiz uma dinâmica para conhecer todos os alunos e conseqüentemente ir me familiarizando com eles. Perceber o grau de conhecimento dos alunos é imprescindível para um bom desenvolvimento de aprendizagem. Passei duas semanas apenas conhecendo os alunos da turma com o auxílio da educadora titular.

Todo o conhecimento que obtive dos alunos foi essencial para eu planejar a contação de histórias a ser desenvolvida com eles. Somente assim pude escolher a história adequada para o seu grau de aprendizagem. Conhecer as crianças que participarão na contação faz com que se possa adequar melhor o planejamento, no sentido de contemplar os interesses das crianças envolvidas. Conhecendo as crianças, pode-se escolher melhor o livro de literatura ou, em outros casos, o texto oral a ser levado para ser apresentado às crianças.

Após esse período de adaptação e conhecimento das crianças e do ambiente escolar, na terceira semana, iniciei com uma contação de história para uma turma de 5 anos de idade. Pedi para todos fazerem o círculo, em seguida comecei a perguntar quem gostava de ouvir histórias, quais histórias eles já tinham ouvido e o que eles mais gostaram nas histórias que já tinham ouvido. Logo após esse diálogo, peguei o livro e anunciei a história que iria contar: “**O GATO VIU**”.

Iniciei a contar a história assim:

Uma linda história

Nós vamos ouvir

E quem vai contar

É a tia Josefa...

O GATO VIU...

autora: Mary França

ilustrador: Eliardo França

Cuidado com o bichano desta história!

Ele é cheio de artimanha e graça.

O Gato Viu Um Avião.

Ele Perguntou Para O Pato:

_Pato, Você Voa Tão Alto Quanto Um Avião?

O Pato Falou:

_ *Sim!... Eu Voo Até Mais Alto Que Um Avião!*
 O Gato E O Pato Viram Um Automóvel.
 Eles Perguntaram Para O Galo:
 _ *Galo Você Corre Tão Rápido Quanto Um Automóvel?*
 O Galo Falou:
 _ *Sim!...Eu Corro Até Mais Rápido Que Um Automóvel!*
 O Gato, O Pato E O Galo Viram Um Peixe.
 Eles Perguntaram Para O Porco:
 _ *Porco, Você Nada Lá No Fundo Como Um Peixe?*
 O Porco Falou:
 _ *Sim!... Eu Nado Até Mais Fundo Que Um Peixe!*
 O Gato, O Pato, O Galo, E O Porco Viram Um Sabiá.
 Eles Perguntaram Para O Rato:
 _ *Rato, Você Canta Lindo Que Nem Um Sabiá?*
 O Rato Falou:
 _ *Sim!...Eu Canto Até Mais Lindo Que Um Sabiá!*
 O Gato Falou:
 _ *Muito Bem! Quero Ver O Pato Voando! O Galo Correndo!*
 O Porco Nadando! E Você Rato, Cantando!
 O Pato Tentou, Mas...
 ...Caiu No Brejo!
 O Galo Tentou, Mas...
 ...Logo Se Cansou!
 O Porco Mergulhou, Mas...
 ...Quase Se Afogou!
 O Rato Cantou, Mas...
 ...Ninguém Aguentou!
 E O Gato... Cadê O Gato?
 Ele Saiu De Fininho...
 Quem Sabe Por Qué?

Essa história é bastante interessante pelo fato do texto ser apresentado em rimas. O livro, por ser ilustrado, colorido, favorece que se possa abordar as cores, além de animais, ou mais especificamente, tipos de animais (selvagens ou domésticos). Ao contar a história, percebi a emoção dos alunos e como eles se envolveram com a atividade proposta.

Ao final da história, chamei-lhes à atenção para os animais que apareceram na história e conversamos sobre os tipos de animais. Pedi para que eles imitassem os animais e os descrevessem um pouco.

Com essa história, pude trabalhar uma diversidade de coisas, além de proporcionar um aprendizado válido em relação a conhecimentos de animais e novos tipos de animais, cores, sons, nomes e etc.

HISTÓRIA II – A GALINHA RUIVA

A GALINHA RUIVA

António Torrado

Escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou.

*A galinha ruiva achou umas espigas de trigo.
Ela chamou o gato. Ela chamou o ganso. Ela chamou o
Porco.*

A galinha ruiva disse:

– Quem me ajuda a semear o trigo?

– Eu não – disse o gato.

– Eu não – disse o ganso.

– Eu não – disse o porco.

– Então semeio eu o trigo – disse a galinha ruiva.

E a galinha ruiva semeou o trigo.

O trigo cresceu.

A galinha ruiva disse:

– Quem me ajuda a ceifar o trigo?

– Eu não – disse o gato.

– Eu não – disse o ganso.

– Eu não – disse o porco.

– Então ceifo eu o trigo – disse a galinha ruiva.

E a galinha ruiva ceifou o trigo e levou-o para o moinho.

*Depois de ter já o trigo moído e feito em boa farinha, a
galinha ruiva disse:*

– Quem me ajuda a fazer o pão?

– Eu não – disse o gato.

– Eu não – disse o ganso.

– Eu não – disse o porco.

– Então faço eu o pão – disse a galinha ruiva.

*E a galinha ruiva amassou o pão, que ficou muito bem
amassado, e cozeu-o no forno, muito bem cozido.*

– Quem me ajuda a comer o pão?

O gato disse:

– Miau! Miau! Miau! Quero eu, quero eu, quero eu.

O ganso disse:

– Quá! Quá! Quá! Quero eu, quero eu, quero eu!

O porco disse.

*– Gurnin! Gurnin! Gurnin! Quero eu, quero eu, quero
eu!*

A galinha ruiva disse:

*– Vocês não me ajudaram a semear o trigo. Vocês não me
ajudaram a ceifar o trigo. Vocês não me ajudaram a fazer o
pão. Pois então vocês não me ajudarão a comer o pão. Os
meus pintainhos comerão o pão.*

E a galinha ruiva e os pintainhos comeram o pão.

Quem não trabuca não manduca.

Está contada a história. Está dada a lição.

A segunda história, li para a turminha do maternal I, e me chamou atenção pelo fato de a história ter mexido tanto com as crianças, ela contribuiu para que eles trabalhassem a solidariedade entre os colegas.

Os alunos que não estavam presente no dia que foi contado a história da “Galinha Ruiva”, todos os que estavam contaram novamente para os faltosos ouvirem.

HISTÓRIA III - A Galinha dos Ovos de Ouro

Autor: Esopo.

Certa manhã, um fazendeiro descobriu que sua galinha tinha posto um ovo de ouro. Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à mulher, dizendo:

_ Veja! Estamos ricos!

Levou o ovo ao mercado e vendeu-o por um bom preço.

Na manhã seguinte, a galinha tinha posto outro ovo de ouro, que o fazendeiro vendeu a melhor preço.

E assim aconteceu durante muitos dias. Mas, quanto mais rico ficava o fazendeiro, mais dinheiro queria.

Até que pensou:

"Se esta galinha põe ovos de ouro, dentro dela deve haver um tesouro!"

Matou a galinha e ficou admirado, pois, por dentro, a galinha era igual a qualquer outra.

Moral da história:

Quem tudo quer tudo perde.

Esta história III foi desenvolvida para a turminha do pré II, ou seja, a turma com idade de 05 anos.

Após contar essa história, refleti com os alunos da importância de valorizarmos aquilo que temos e não querer ter tudo no mundo, pois corre o risco de acabarmos sem nada. Pedi para cada criança falar um pouco da história. Vários ensinamentos foi tirado dessa história, pois levou os alunos a refletirem sobre a importância da família, dos amigos e das coisas que possuímos.

HISTÓRIA IV – A FESTA NO CÉU

Autora: (Christiane Angelotti, adaptação do conto de Luís da Câmara Cascudo)

Entre os bichos da floresta, espalhou-se a notícia de que haveria uma festa no Céu.

Porém, só foram convidados os animais que voam.

As aves ficaram animadíssimas com a notícia, começaram a falar da festa por todos os cantos da floresta. Aproveitavam para provocar inveja nos outros animais, que não podiam voar.

Um sapo muito malandro, que vivia no brejo, lá no meio da floresta, ficou com muita vontade de participar do evento. Resolveu que iria de qualquer jeito, e saiu espalhando para todos, que também fora convidado.

Os animais que ouviam o sapo contar vantagem, que também havia sido convidado para a festa no céu, riam dele.

Imaginem o sapo, pesadão, não agüentava nem correr, que diria voar até a tal festa! Durante muitos dias, o pobre sapinho, virou motivo de gozação de toda a floresta.

_ Tira essa idéia da cabeça, amigo sapo. – dizia o esquilo, descendo da árvore.- Bichos como nós, que não voam, não têm chances de aparecer na Festa no Céu.

_ Eu vou sim.- dizia o sapo muito esperançoso. - Ainda não sei como, mas irei. Não é justo fazerem uma festa dessas e excluírem a maioria dos animais.

Depois de muito pensar, o sapo formulou um plano.

Horas antes da festa, procurou o urubu. Conversaram muito, e se divertiram com as piadas que o sapo contava.

Já quase de noite, o sapo se despediu do amigo:

_ Bom, meu caro urubu, vou indo para o meu descanso, afinal, mais tarde preciso estar bem disposto e animado para curtir a festa.

_Você vai mesmo, amigo sapo? - perguntou o urubu, meio desconfiado.

_ Claro, não perderia essa festa por nada. - disse o sapo já em retirada.- Até amanhã!

Porém, em vez de sair, o sapo deu uma volta, pulou a janela da casa do urubu e vendo a viola dele em cima da cama, resolveu esconder-se dentro dela.

Chegada a hora da festa, o urubu pegou a sua viola, amarrou-a em seu pescoço e vôu em direção ao céu.

Ao chegar ao céu, o urubu deixou sua viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo aproveitou para espiar e, vendo que estava sozinho, deu um pulo e saltou da viola, todo contente.

As aves ficaram muito surpresas ao verem o sapo dançando e pulando no céu. Todos queriam saber como ele havia chegado lá, mas o sapo esquivando-se mudava de conversa e ia se divertir.

Estava quase amanhecendo, quando o sapo resolveu que era hora de se preparar para a "carona" com o urubu. Saiu sem que ninguém percebesse, e entrou na viola do urubu, que estava encostada num cantinho do salão.

O sol já estava surgindo, quando a festa acabou e os convidados foram voando, cada um para o seu destino.

O urubu pegou a sua viola e voou em direção à floresta.

Voava tranqüilo, quando no meio do caminho sentiu algo se mexer dentro da viola. Espiou dentro do instrumento e avistou o sapo dormindo, todo encolhido, parecia uma bola.

- Ah! Que sapo folgado! Foi assim que você foi à festa no Céu? Sem pedir, sem avisar e ainda me fez de bobo!

E lá do alto, ele virou sua viola até que o sapo despencou direto para o chão.

A queda foi impressionante. O sapo caiu em cima das pedras do leito de um rio, e mais impressionante ainda foi que ele não morreu.

Nossa Senhora, viu o que aconteceu e salvou o bichinho.

Mas nas suas costas ficou a marca da queda; uma porção de remendos. É por isso que os sapos possuem uns desenhos estranhos nas costas, é uma homenagem de Deus a este sapinho atrevido, mas de bom coração.

Aprendizagem da História IV.

Essa história também apresentada para os alunos do pré II. Através dela foi possível fazer com que os alunos aprendessem várias coisas, como os animais, as características de cada um, suas capacidades e limites. E também foi feito um momento de reflexa sobre os nosso desafios do dia a dia e também sobre os nosso limites.

No geral, foram diversas as mudanças percebidas por mim, durante e após as contações de histórias para as crianças. Pude perceber de perto o quanto as histórias têm o poder de mexer com a cabeça das crianças e desenvolvê-las em diversos aspectos. Cada história traz consigo os seus frutos, a aprendizagem e o crescimento dentro do processo de aprendizagem das crianças. Para que os

objetivos da aula fossem alcançados por meio da história, foi preciso seguir todos os critérios que os teóricos nos apontam, como ler antes a história, ver a faixa etária correta, gostar de ler e de contar história, se envolver com cada história para passar todas as emoções possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que vimos ao longo dessa pesquisa, percebemos que a prática da contação de histórias na educação infantil tem sido cada vez mais presente na vida dos educadores e educandos. Sobretudo, pelo fato de percebermos que esta prática contribui de forma singular no desenvolvimento cognitivo e emocional, além de estimular sua imaginação e incentivando cada vez mais a leitura, formando assim futuros leitores.

Por meio da contação da história vimos que o educador pode tornar a aula mais significativa, mais prazerosa e rica no que diz respeito à aprendizagem. Mas também vimos que o educador tem uma grande missão na hora de escolher a história ideal, levando em consideração a faixa etária de cada aluno, seu nível de aprendizagem e a idade. E também é obrigação do educador compreender a história antes de ler para seus alunos e ainda mais do que compreender, gostar daquilo que está lendo.

Vimos que, por meio da história, a criança sente emoções diferenciadas; alegrias, tristezas, saudades, ansiedade, medo, etc. tudo depende de cada história contada. A contação de histórias leva as pessoas, não só as crianças, a descobertas de um novo mundo, um mundo de possibilidades de expressão, de modos de dizer, de formas de se colocar na vida.

Ouvir histórias é um ato prazeroso, principalmente para a criança, já que esta tem uma capacidade de imaginar e fantasiar maior que os adultos. Apesar da grande importância do ato de contar histórias, ainda hoje há crianças que tem o mínimo contato com livros. Manter oficinas de contação de histórias e de leitura é essencial para despertar na criança toda essa gama de sentimentos e conhecimentos que somente os livros e a literatura são capazes de fazer. O adulto deve acreditar no prazer que a leitura proporciona e achar a forma adequada de mostrar isso à criança e o interesse virá por ela mesma.

Por fim, vimos no desenvolver da minha prática no projeto “Contar, recontar: caminhos de leitura”, o quanto foi rico ver de perto os efeitos das histórias contadas em sala de aula, e as diversas lições de aprendizagem apreendidas pelos alunos e, sobretudo, por mim.

Espera-se que esse recorte que aqui se apresenta da pesquisa desenvolvida na escola contribua para os futuros profissionais da educação, e que possam perceber o quanto é valioso implantar no dia a dia da escola essa prática de contação de história que traz benefícios, em todos os sentidos, não somente para os alunos, mas para toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5. Ed. São Paulo: Scipione; 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A; 2009.

BEVILAQUA, Lanir Schwanke; LAWRENZ, Márcia Lisiana Saatkamp. Os contos infantis na educação escolar. 2005. Disponível em <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/3/3.pdf>. Acesso dia 05 de Set 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna; 2000.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: Uma Arte Sem Idade**. São Paulo. Ed. Ática, 1995.

COSTA, Marta Morais da. **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2008.

FÜLLER, Angelita. **A literatura infantil na escola**. 2009. Disponível em <<http://br.geocities.com/ciberliteratura/literinfantil/angelita.htm>> Acesso em 05 de Jul 2014.

GILLIG, Jean-Marie. **O conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação dos leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

OLIVEIRA, Cristiane Madaleno de. **A Literatura Infantil**. Disponível em <<http://www.graudez.com.br/litinf/origens.htm>>. Acesso em 06 Set. 2014.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. 24^a Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. **A literatura infantil no processo de formação do leitor**. In: Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7. jan. -jun. 2010, p. 22-36.

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Desafios do Trabalho Cotidiano: A educação de crianças de 0 a 10 anos de idade) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRJ:2009. Disponível em

<http://www.ufrjr.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_PACO.pdf>. Acesso em 26 Set 2014.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008. p. 15-40.